

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

**CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIAS SOB A ÉGIDE DA
CONSTRUÇÃO DE ALBUNS DE FAMÍLIA EM SALA DE AULA**

Maria Edilene Justino (Graduanda)¹
edilenejustino@gmail.com

Keila Queiroz e Silva (Orientadora)²
keilaqs@hotmail.com

Universidade Federal de Campina Grande

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Tudo que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade de história.” NORA (1984, apud MONTENEGRO2006, p.115)

Segundo Ruiz (2005) até o início dos anos 80, havia três linhas de pensamento que configurava a História: a *história ‘mestra da vida’*, voltada para o passado; a *história teleológica*, voltada para o futuro, e a *história do presente*, situada no hoje, aqui e agora, mas que sob a ótica de Hartog esses modelos além de terem quebrado, também já não conseguem mais atender a História. Assim, fora a partir daí que se constatou a necessidade de rever não apenas conceitos, mas primordialmente metodologias múltiplas, para através do ensino, atender as necessidades cotidianas dos sujeitos numa sociedade em constante processo de desenvolvimento. Deste modo, caminhou-se a reflexão acerca do fato de que durante algumas décadas questionou-se a validade da *oralidade* e das *narrativas orais* no ensino e no meio científico.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Letras da Unidade Acadêmica de Letras da UFCG, Monitora da disciplina “Metodologia dos Estudos Sociais” da Unidade Acadêmica de Educação ligada ao Departamento de Educação.

² Profª Drª da Unidade Acadêmica de Educação, com atuação na Pós-graduação de história e na Graduação em Pedagogia, nas disciplinas “Metodologia dos Estudos Sociais” e “História I...” da Unidade Acadêmica de Educação.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

A *história oral (HO)* introduzida no Brasil desde os anos 70, com efervescência nas décadas de 80 e 90, consensuada por FERREIRA & AMADO (2000) e por JUCÁ (2006) tem sido discutida e incorporada enquanto uma nova opção metodológica. Desta maneira, sendo a história um tipo especial de narrativa, é que se faz necessário reconhecer o alcance desta narrativa especial, para a superação dos estreitos limites da cientificidade, abrindo perspectivas de abordagens mais significativas JUCÁ (2006). Deste modo, se é também através do *discurso oral* e das *narrativas* que o ser humano constrói e afirma sua identidade, indubitavelmente tais modalidades merecem nossa ênfase. Em reconhecimento a importância do ensino e dos usos sociais da *oralidade* e das *narrativas* no ensino de história, de grande significação no desenvolvimento das competências comunicativas, e da formação da identidade de sujeitos críticos reflexivos, este trabalho apresenta uma discussão acerca do *ensino de história* permeado pela presença metodológica de *narrativas biográficas e autobiográficas* Rosenthal (2000), por meio da construção de “*álbuns de família*”, pelas alunas de graduação em Pedagogia da disciplina “História I na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, oferecida pela UAEd no período 2009.2.

Norteamo-nos teoricamente sob a concepção Boseana (2006) da autobiografia enquanto forma predominante da memória de um indivíduo, e ainda sob o olhar da recordação das histórias de vida como oportunidade de favorecer a nós e aos outros um sentimento de identidade disposto em SILVA (1997). Fomos do estudo dos textos teóricos, a pesquisa extra-classe, construção dos *Álbuns* em sala, e dos acompanhamentos, até as apresentações orais dos “*Álbuns de família*” em sala de aula. Assim, foi possível constatar a mudança de postura das alunas, que passara da resistência ao novo, ao encantamento com as novas, necessárias e diferenciadas formas de condução metodológica do ensino de história favorecendo-as uma nova concepção de história, a mesma que ora prima pela ação consciente do sujeito que constrói e reafirma sua identidade de sujeito histórico ativo e, portanto, contador e fazedor de história(s), o que nos aponta a necessidade de reformulação de conceitos e de olhares.

II. UM OLHAR SIGNIFICADOR SOBRE O TEMPO ATRAVÉS DA MEMÓRIA

Partindo da ideia de Gagnebin (2006, p.39) de que podemos escrever uma história da relação do presente com a memória e o passado, é que nos debruçamos sobre a tentativa de conceituar o *tempo*, percebemos que dentre a infinidade de conceitos até então elaborados, nas palavras de ELIAS (1998, p. 84), ele “nada mais é do que o elemento comum a essa diversidade de processos específicos que os homens procuram marcar com a ajuda de relógios ou calendários” esta prerrogativa nos auxilia na compreensão dele concebido cronologicamente, sem ignorarmos outras formas de percebê-lo, sobretudo, sob sua dimensão agora subjetivada no recôncavo da *memória* “O tempo da memória segue um caminho inverso ao do tempo real: quanto mais vivas as lembranças que vêm à tona de nossas recordações, mais remoto é o tempo em que os fatos ocorreram.” (BOBBIO 1997, p.55).

Assim, exatamente aportadas nesta relação dialógica do *tempo* com a *memória*, em meio aos processos sobre os quais se afirma o *tempo* e conseqüentemente o agir humano, nos preocupamos em conectá-lo à memória, concebida enquanto lugar de proteção, preservação, reedição, reelaboração e de resignificação das vivências, as que envolvem por vezes aspectos físicos, geográficos, bem como aspectos psíquicos, sociais, com o *tempo* enquanto espaço (psíquico) no qual, ao longo dos dias, meses, anos, décadas e porque não séculos se articulam as *narrativas*, *lembranças* e *memórias* das histórias humanas. Desta maneira, no trajeto destas narrativas resignificadas, percebe-se os sobressaltos também das memórias geográficas, que permitem aos “escutadores” conhecer a geografia de um tempo no qual não estiveram lá fisicamente, mas via memória, numa espécie de retrospectiva às avessas, através da projeção psíquica de imagens ficcionais.

A realização de todo e qualquer projeto, pressupõe uma variável de etapas, sintetizando deste modo, planejamento, dedicação, trabalho, uma espécie de dispêndio que vai do físico ao psíquico, como nos apresenta Orlandi (2004, p.156) “onde há

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

trabalho da memória, há possibilidade de polissemia. Onde o sentido faz (outros) sentidos.”, e é assim que numa concepção de criação de novos sentidos, aproveitamentos e inovações que também se concretiza o ensino de história nos dias atuais. E isto é o que nos mostra ser viável o reconhecimento de que sobremaneira, os estudos sociais, agora bipartidos em história e geografia se mantêm mais que nunca, numa sintonia dialogal, não apenas importante, mas necessária.

Tudo o que existe objetiva ou subjetivamente no mundo e na sociedade tem ou passa a ter sentido (s), é exatamente os sujeitos que assim os significam, logo, a narração das histórias de vida das pessoas se configuram neste contexto dialogal acerca do tempo e da memória num espaço de (re) criação das biografias e das autobiografias dos sujeitos ativos através das memórias ou das reedições das narrações destas memórias, do que trataremos em nosso próximo tópico.

III.(RE)CONTANDO HISTÓRIA(S), CONSTRUINDO IDENTIDADE(S)

Em consonância as discussões abordadas até então, relacionadas às concepções e as novas metodologias utilizadas na/pela escola, sobretudo do ensino de história, e ainda sob a perspectiva da utilização das multifacetadas modalidades da linguagem, cabe-nos refletir sobre o que nos disse Orlandi (2004, p.156) “Quanto aos sentidos eles mesmos, a Escola tem como tarefa, saindo para a rua, re-encaminhar a linguagem para o real da história”.

Em reconhecimento ao fato de que “As relações sociais são relações de sentidos.” Orlandi (*idem*), nossa preocupação no ato da construção dos “*Álbuns de família*”, caminhou no sentido de construir, reconhecer e valorizar as identidades das alunas do curso de Pedagogia e de seus familiares constituídas sócio-histórico-culturalmente. Foi através da construção dos já mencionados “*Álbuns de família*”, ora interna, ora externa a sala de aula, que tudo se deu. Assim, partimos do entendimento de que “Os relatos orais, ...costumam atender a um roteiro de história de vida ou temático, ou mesmo aos dois simultaneamente. Refletir sobre o significado dessas narrativas

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

supõe alinhar-se ao rico debate acerca da temática história/memória.” (MONTENEGRO 2006, p.112).

Segundo Hall (1992) existe três formas de conceituar identidade, nelas estariam o *sujeito do Iluminismo*, o *sujeito sociológico* e o *sujeito pós-moderno*, de modo que para nós, sobretudo os dois últimos sujeitos, são aqui os de destaque, os que vão dos valores sentidos e simbólicos que transitam dos “ambientes” externos aos internos numa celebração móvel, numa transformação contínua, por tanto, concebido como aquele que pode ser definido historicamente, uma vez reafirmado em suas relações sócio-histórico-culturais.

Deste modo, na culminância desta atividade, percebemos que à medida que as alunas apresentavam seus “*Álbuns de família*”, íamos identificando a diversidade e recorrência de temáticas, dentre elas estavam: histórias de amor, infidelidades, modelos familiares diversificados, alcoolismo, desencontro entre amantes, construção da identidade e dos papéis das mulheres através das décadas, a moda, os espaços geográficos de convivência, as formas de lazer, as diferentes modalidades de socialização e convivência entre as pessoas, os comportamentos nos relacionamentos afetivos. Uma vez realizada esta atividade conjugada ao ensino de história, na ocasião nos remetemos ao pensamento segundo Halbwachs (1990, *apud* Montenegro 2006) de que a história representaria o esforço de salvar as lembranças vivas, ao transformá-las em narrativas.

Assim, partimos para o entendimento de que, para que se possa concretizar efetivamente uma nova metodologia no ensino de história haveremos de reconhecer que a vivência de uma nova concepção exige alguns esforços, e o mais enfatizado aqui foi o relacionado ao trabalho com a *memória* articulada às *narrativas biográficas* e *autobiográficas*, enquanto concretização da memória, realizadas pelas alunas de Pedagogia, a considerarmos o que nos apresenta Bobbio:

“...as recordações não aflorarão se não as formos procurar nos recantos mais distantes da memória. O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração **reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade**, não obstante os muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. ...os mais distantes no tempo e, no entanto, os mais nítidos na memória.” (BOBBIO 1997, p.31)

Percebemos que esta atividade demandou em primeiríssima instância, o aguçamento do lado pesquisador latente em cada uma das alunas, isto porque para construir seus álbuns necessitaram pesquisar a história de sua família, indo das gerações passadas, aos dias atuais, como lhes foi possível, isto com consulta a algumas as pessoas, familiares, parentes e amigos que dispunham de mais informações a respeito das histórias destas famílias. Logo, tivemos a oportunidade de vivenciarmos a construção de “*Álbuns de família*” nos quais foram impressas, através das *histórias orais* via *narrativas*, a construção e resignificação das histórias das famílias e das próprias alunas, o que culminou na percepção da construção e modificação da identidade de cada um dos sujeitos pertencentes a cada uma destas famílias.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao vivenciarmos no ensino de história a experimentação das novas metodologias (história oral, narrativas, álbuns de família) mescladas aos conceitos de *tempo* e de *memória*, enquanto “vida sempre carregada por grupos vivos, em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.” (MONTENEGRO 2006, p.112), nos serviu de alicerce para a (re)construção de identidades, na construção dos “*Álbuns de família*”, de modo a nos ser possível constatar que a parte constituinte da *família paterna* era menos enfocada, as informações era mínimas em relação as da *família materna*, o que conduziu cada qual a uma reflexão maior sobre o assunto. Percebemos também que a atividade havia se transformado em uma oportunidade de *visibilidade*

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

para aqueles sujeitos históricos (alunas e familiares) até então silenciados, em sua constituição família e em suas histórias de vida.

Este nosso trajeto acima delineado nos rendeu o entendimento de que é extremamente importante, ainda na graduação oportunizar aos sujeitos enquanto buscam conhecer-se, fazer-se conhecer, confirmar e reafirmar sua identidade, a vivência real da tríade ensino-pesquisa-extensão. Para tanto, com este pequeno aglomerado de reflexões reconhecemos que a inovação metodológica para o ensino diferenciado de história, precisa antes de tudo estar vivo e latente em nós, em nossa incorporação e vivência de “educadores de fato”, enquanto cumpridores de seus papéis sociais. Desta maneira estaremos comungando do pensamento de Bobbio (1997, p.55) ao dizer que “devemos continuar a escavar! Pois, cada vulto, gesto, palavra ou canção, que parecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, nos ajuda a sobreviver.”

V.REFERENCIAS

- BOBBIO, Noberto. **O tempo da memória: De senectude** e outros escritos autobiográficos; tradução VERSIANI, Daniela. 7ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 13ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Editado por SCHRÖTER, Michael; tradução, RIBEIRO, Vera; revisão técnica, DAHER, Andréa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade: 10ª Edição**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.
- JUCÁ, Gisafra Nazareno Mota. **O Nordeste e a História Oral: a contribuição dos grupos de pesquisa**. In: História Oral: *Revista da Associação Brasileira de história Oral*, v.9, n.2, jul-dez. 2006. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de história Oral, 2006. p. 123-135.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **Ciência, história e memória: questões metodológicas**. In: História e sensibilidade. ERTZOGUE, Marina Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes. Brasília: Paralelo 15, 2006. p.95-116.
- ORLANDI, P. Eni. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- ROSENTHAL, Gabriele. **A estrutura e a gestalt das autobiografias e suas consequências metodológicas**. In: Usos & Abusos da História Oral. FERREIRA,

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p.193-200.

RUIZ, Rafael. **Novas formas de abordar o ensino de história.** In: História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. KARNAL, Leandro (Org.). 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2005. P.

SILVA, Keila Queiroz e. **A madrasta e o espelho.** Trabalho final da disciplina “História Oral e Memória” do mestrado em História do Brasil da UFPE, 1997.